

PERCEPÇÕES ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE E SUA UTILIZAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA NO ENSINO DE BIOLOGIA

Perceptions concerning the homosexuality and its use as didactic strategy in the teaching of biology

Ana Paula Miranda Guimarães [apmguima@gmail.com]

Carine Belau de Castro Martins [carine.belau@gmail.com]

Lucas Guimarães de Azevedo [lucasguima@outlook.com]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), campus Camaçari

Loteamento Espaço Alfa, s/n – Limoeiro, Camaçari - Bahia

Priscila Silva de Figueiredo [psfigueiredo1@hotmail.com]

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Juvino Oliveira

BR-415, s/n, Itapetinga - Bahia

Resumo

Os homossexuais têm enfrentado um processo simultâneo de aceitação e preconceito por parte da população brasileira. Desta forma, decidimos realizar um estudo, visando compreender as percepções de moradores da região metropolitana de Salvador acerca da homossexualidade. A pesquisa de cunho qualitativo utilizou como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada. A amostra foi escolhida aleatoriamente nas cidades da região, constando de 19 entrevistados. A análise das entrevistas foi estruturada a partir de categorias estabelecidas. Notamos que a maioria dos indivíduos demonstrou tolerância em relação aos homossexuais, mas não aceitação. Contudo, em contra partida, alguns indivíduos apresentaram grande intolerância aos homossexuais. Durante o processo de análise percebemos que as pessoas possuem dificuldade em conceituar a homossexualidade. A presente pesquisa também serviu como auxílio didático na sala de aula, ou seja, foi utilizada para inserção do assunto de diversidade sexual nas aulas de Biologia, no qual o resultado foi um silenciamento dos estudantes durante e após a exposição da pesquisa. Esta experiência, mesmo não possuindo resultados esperados, mostrou-nos que é necessária a discussão desta temática nas salas de aula.

Palavras-chave: Homossexualidade; Percepção; Preconceito; Ensino de Biologia.

Abstract

Homosexuals have been facing a simultaneous process of acceptance and prejudice on part of Brazilian population. Based on this, we decided to perform a study, aiming to understand the perception of residents from the metropolitan area of Salvador about homosexuality. Semi-structured interview methodology has been used on this qualitative research. A sample of 19 interviewees has been randomly chosen in the cities. The analysis of interviews has been structured based on established categories. We have noticed that most of the individuals demonstrated tolerance about homosexuals, but no acceptance. However, on the other hand, some individuals have presented high intolerance to homosexuals. During the analysis process we have noticed that people have difficult to conceptualize homosexuality. This research has also provided teaching support to the classroom, in other words, has been used to insert the subject of sexual diversity in the classes of Biology, in which the result was a silencing of students during and after exposure of the research. This experience, although not having expected results, has shown us that the discussion of this issue in the classroom is required.

Keywords: Homosexuality; Perception; Prejudice; Teaching of Biology.

1. Introdução

A forma como passamos a perceber e definir o outro através das relações interpessoais permitiu que criássemos uma categorização pessoal do indivíduo, destacando o que se considera comum e natural para um grupo social, para determinada faixa etária, ou seja, passamos a construir preconceções sobre as pessoas com que nos relacionamos de maneira que esperamos que as mesmas se comportem de acordo com tais concepções.

Após a década de 70, a sociedade brasileira passou a se reestruturar culturalmente e socialmente, de maneira que a busca por uma construção de identidade própria e por uma sociedade reflexiva levou nossa cultura a esquadrihar maneiras de conter a repressão e a censura imposta no nosso meio. Criou-se então uma definição de identidade sexual, no qual fatores tais como o desejo, a intimidade, o erotismo e o corpo passaram a estar diretamente subvertidos ao comportamento e manifestação social do indivíduo. E diante desse contexto sociocultural surgiram acepções relacionadas a gênero e a manifestação sexual do indivíduo (FERRARI, 2004).

O preconceito extremo e a homofobia que assola a sociedade atual estão presentes e podem ser visualizados, infelizmente, todos os dias, na nossa vida cotidiana, nos jornais, nas revistas, na televisão e na internet. Desta forma, como afirma Davi (2005):

A homofobia, ou ódio contra homossexuais, foi, e permanece sustentada em nossa cultura por três álibis ou justificativas: a dominação masculina e o ideal de virilidade, o dogma da sexualidade voltada para a reprodução, que embasa os ditames morais das religiões Ocidentais, e a heterossexualidade como norma sexual. (p. 120)

Mesmo sendo notório o preconceito e a falta de direitos instalados na sociedade atual, os homossexuais tiveram alguns poucos avanços no que concerne aos direitos humanos e civis como, por exemplo, o reconhecimento do Superior Tribunal de Justiça (STJ) do direito à pensão alimentícia a um dos parceiros de uma união homoafetiva e do casamento homoafetivo. Entretanto, a homofobia, exaltada de diversas maneiras, ainda é presente e atual, infelizmente. Apesar de haver o Projeto de Lei da Câmara n.º 122/06 que visa criminalizar a violência e o preconceito motivada pela orientação sexual ou na identidade de gênero, o mesmo não tem previsão para aprovação, devido à atuação das bancadas mais conservadoras. Ou seja, apesar da proliferação da garantia de direitos em vários lugares do mundo nas últimas décadas e de algumas conquistas legislativas, esta situação não foi capaz de alterar significativamente concepções desfavoráveis e limitadas sobre homossexualidade que continuam sendo difundidas na sociedade.

Neste contexto, a emergência de um debate público sobre a homossexualidade reflete tanto a defesa quanto a discussão a respeito, evitando-se o tabu e a anormalidade sobre o assunto. Assim, a abordagem de tal assunto em sala de aula é de extrema importância e urgência, já que como afirma Louro (2004), a escola é um dos aparelhos mais eficientes no controle da sexualidade e dos corpos. Desta forma, mesmo que se tenha conhecimento das diversas práticas sexuais, o padrão heteronormativo¹ de sexualidade é ainda norteador das ações educacionais.

Desta forma, pensamos ser importante entender as percepções de pessoas da região metropolitana de Salvador a respeito da homossexualidade. Além disso, buscou-se também analisar o uso destas percepções como estratégia didática no ensino de Biologia, em duas turmas de terceiro ano, do Instituto Federal da Bahia, *campus* Camaçari.

¹ O termo *heteronormatividade* foi proposto pelo pesquisador americano Michael Warner (1993) para descrever a norma que toma a sexualidade heterossexual como norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante (DINIS, 2011).

2. Fundamentação teórica

2.1 Dimensões históricas ligadas à homossexualidade

Analisando relatos históricos das antigas sociedades que passaram pelo globo pode-se perceber que relações homossexuais existem desde a Antiguidade, a exemplo da cultura Grega e a Espartana, em que se julgava que o contato afetivo entre homens favorecia a bravura no campo de batalha, e não eram consideradas “anormalidade”, como são na nossa cultura atual. Acreditava-se que guerreiros apaixonados lutariam com mais vigor para defender seus pares (DOVER, 1994; DAVI, 2005).

Nas sociedades clássicas como Grécia e Roma a relação entre indivíduos do mesmo sexo era vista como algo comum de maneira a não se destacar como má conduta social, inclusive esse tipo de relação era considerada mais pura que o relacionamento entre um homem e uma mulher, pois era tida como a verdadeira forma de amor. As sociedades antigas investiam no romantismo entre homens, no qual um homem de idade mais avançada tinha de conquistar e educar um jovem e ter relações sexuais com ele, na qual a conquista de um jovem, que fosse formoso e suscetível à obrigação dos prazeres sexuais (BORRILLO, 2010; TORRÃO-FILHO, 2000).

De acordo com Borrillo (2010) a aversão por esse tipo de atração só começa com a introdução da cultura judaico-cristã na sociedade ocidental, que inclusive é baseada em estruturas cristãs que condenam tais relacionamentos devido a interpretações bíblicas.

A atração entre pessoas do mesmo sexo sempre existiu, mas o termo homossexual só surge no século XIX. É neste momento também que se cria uma dicotomia da orientação sexual, sendo a heterossexualidade considerada algo normal e desejável e a homossexualidade algo inaceitável. Tal ideologia era baseada na pregação de que as relações sexuais possuíam a finalidade única de multiplicação, baseada na Bíblia em que Deus teria dito: “Crescei e multiplicai-vos” (Gn 1, 28).

A ciência, por sua vez, passou a se preocupar diretamente com a homossexualidade a partir do século XIX, no qual se criou a expressão “homossexual” para direcionar indivíduos que eram considerados adversos ao comportamento tido como natural. Em 1848, o psicólogo alemão Karoly Maria Benkert definiu o termo homossexual como “além do impulso sexual normal dos homens e das mulheres, a natureza, do seu modo soberano, dotou à nascença certos indivíduos masculinos e femininos do impulso homossexual (...). Esse impulso cria de antemão uma aversão direta ao sexo oposto” (BENKERT, 1848 apud BORRILLO, 2010, p.66). Sendo que a ocorrência de ausência do desejo pelas pessoas do sexo oposto era considerada como agente patológico que comprometia diretamente na teoria darwiniana sobre a evolução das espécies, que destacava a reprodução sexual, e nas doutrinas cristãs disseminadas na época, ocasionando a marginalização dos homossexuais no âmbito da “hierarquia sanitária” dos sexos e das sexualidades (BORRILLO, 2010, p.66).

A esfera científica vigente da época tinha, então, tornado a homossexualidade uma doença estritamente relacionada a problemas mentais, e sendo indicado por Freud como possivelmente congênita ou adquirida, ocasional ou absoluta. Foram então direcionados estudos que envolviam tratamento médico para a doença do “homossexualismo”. Apesar de em 1979, a Associação Americana de Psiquiatria retirar a homossexualidade de sua lista oficial de doenças mentais, a busca por uma explicação para o fenômeno da sexualidade desencadeou diversas pesquisas para uma possível causa e contenção da homossexualidade de tal forma que até hoje há busca e discussão acerca da possível causa para a homossexualidade. Dentre as causas propostas ao longo dos anos temos as biológicas, ético-morais, religiosas, psicológicas, psicossociais, ambientais e, frequentemente, explicações que envolvem mais de uma abordagem. Inclusive pesquisas realizadas por geneticistas do Instituto Nacional de Câncer dos Estados Unidos e pela *NewScientist*

anunciaram a possibilidade da existência de um gene gay. Contudo, a verdade é que não existe ainda uma explicação consensual e amplamente aceita pela comunidade científica e sociedade. Esta temática permanece como muito controversa.

Com o fim da ditadura em meados da década de 80 a sociedade brasileira criou esperanças diante do novo contexto político e social que emergia, os homossexuais diante desse quadro passaram a buscar uma sociedade onde pudessem agir livremente, manifestando seu afeto em público e transformando a sociedade de maneira que nela fosse inserida também uma identidade homossexual. Foi inclusive neste contexto que nasceu o movimento gay. Durante a década de 80 alguns países descriminalizaram a homossexualidade e proibiu a discriminação contra gays e lésbicas. Já em 1990, a Organização Mundial de Saúde declarou que "a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão". Em 2004, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos invalidou todas as leis estaduais que ainda proibiam a práticas afetivas e sexuais entre pessoas de mesmo sexo.

As mudanças ocorridas, ao longo das últimas décadas, possibilitaram que discussões acerca de questões, anteriormente consideradas tabus, como a homossexualidade passassem a estarem presentes de forma mais incisiva em diferentes espaços da sociedade. Os homossexuais têm, assim, enfrentando um processo simultâneo de aceitação e preconceito por parte da população brasileira e mundial.

2.2 Ensino multicultural nas salas de aula de Biologia

Estudos no âmbito do multiculturalismo, de autores como Peter McLaren (2000), Vera Candau (2002), Ana Canen e Antonio Flávio Moreira (2001), entre outros, têm demonstrado que, além das determinações de classe, as questões de gênero, raça e sexualidade interferem no gradiente da desigualdade em matéria de educação e currículo e as diferenças devem ser levadas em consideração em práticas pedagógico-curriculares.

Atualmente, o multiculturalismo no ambiente escolar tem gerado debates com a expressão de matrizes teóricas e político-sociais diferenciadas, com concepções e vertentes tanto de perspectiva liberal quanto de inspiração marxista (CANDAU, 2008). Nos debates encontramos de um lado as visões mais liberais ou folclóricas, tratam da valorização da pluralidade cultural a partir do conhecimento dos costumes e processos de significação cultural das identidades plurais (CANEN; OLIVEIRA, 2002). Por outro, as posturas mais críticas que desafiam os estereótipos e os processos de construção das diferenças, buscando perspectivas transformadoras nos diversos espaços (MCLAREN, 2000; CANEN, 1997, 2000; CANEN; MOREIRA, 2001).

Além disso, a discussão sobre o multiculturalismo pode assumir um caráter descritivo ou propositivo (FIGUEIREDO, 2013). Trabalhos na perspectiva do multiculturalismo descritivo o assumem como uma característica das sociedades atuais e buscam descrever suas configurações considerando o contexto histórico, político e sociocultural. Trabalhos na perspectiva do multiculturalismo propositivo, por sua vez, concebem o multiculturalismo não como um dado da realidade apenas, mas como uma maneira de atuar, de intervir, de transformar a dinâmica social.

Desta forma, o presente trabalho adota um entendimento acerca do multiculturalismo sob uma perspectiva propositiva, pois entendemos que a educação apresenta um papel fundamental na transformação social em prol de uma sociedade mais igualitária. Além disso, está comprometido com a perspectiva do multiculturalismo crítico, baseada na defesa de Peter McLaren (1997), que compreende as representações de etnia, classe, gênero como o resultado de lutas sociais mais amplas sobre signos e significações. E assim o multiculturalismo tem de partir de uma agenda

política de transformação, sem a qual corre o risco de se reduzir a outra forma de acomodação à ordem social vigente.

Diante disso, diversos desafios se impõem no contexto escolar para tratar do multiculturalismo, em especial, sobre a diversidade de orientação sexual e de identidade de gênero de forma transformadora. Alguns conteúdos apresentam grande potencial para tratar deste assuntos na escola. Um deles ocorre no contexto do ensino de Biologia, quando se trata de sistema reprodutor humano, pois envolve diretamente o tema da sexualidade. Contudo, a abordagem desta temática tem sido marcada por uma abordagem cientificista e conteudista, permeado pelo discurso biológico², no qual é abordado basicamente o corpo físico, os órgãos e suas funções (RIBEIRO, 2002, p. 63).

Ribeiro (2002, p. 63) também comenta que além do enfoque do discurso biológico, há também, nas escolas, o discurso família-reprodução que demonstra a sexualidade relacionada à procriação e reforçando a heteronormatividade, que concebe a relação homem-mulher como única aceitável na sociedade. Santos e Santiago (2008) investigaram sobre concepções de sexualidade de professores do ensino fundamental e obtiveram resultados que evidenciam a presença deste discurso. Dentre os resultados da pesquisa demonstraram que metade da amostra investigada relacionou a categoria sexualidade à troca de afeto entre heterossexuais, destacando também a questão da procriação. Essas visões somente contribuem para a continuidade do preconceito e intolerância a diversidade sexual, já que consideram sexualidade sinônimo de afeto entre pessoas de sexo opostos, e não apenas troca de afeto entre pessoas.

Nas instituições de ensino, em geral, a sexualidade é pouco comentada e quando ocorre é traduzida como relação entre homens e mulheres. Assim, segundo o autor Barbieri (1993) sexualidade deve envolver questões mais amplas ligadas à sexualidade. Desta forma, ao conceituar sexualidade, considera-a como “o conjunto das maneiras as mais diversas de relacionamento das pessoas enquanto seres sexuados, com outros seres também sexuados, em intercâmbios que, como tudo o que é humano, são ações e práticas carregadas de sentido” (BARBIERI, 1993, p. 7).

Desta maneira, abordar a diversidade sexual nas salas de aula de biologia é de extrema importância para diminuir o preconceito e também informar os estudantes de uma maneira mais global sobre todos os aspectos da sexualidade existente e não somente a aceita socialmente nos dias atuais.

Um ensino multicultural na sala de aula de Biologia é a nossa meta, e assim, a abordagem e discussão acerca da homossexualidade, utilizando-se para isso uma pesquisa desenvolvida por estudantes e professora da instituição para introduzir a discussão, nos pareceu promissor e relevante a fim de diminuir o preconceito, aumentar o conhecimento e gerar discussões a respeito do assunto, muitas vezes, silenciado em salas de aulas.

3. Aspectos metodológicos

A pesquisa sobre concepções acerca da homossexualidade foi desenvolvida entre os meses de Setembro a Novembro de 2013, na região metropolitana de Salvador/BA, região esta, onde se situa o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia, *campus* Camaçari (IFBA/Camaçari).

² De acordo com Ribeiro (2002) existem discursos autorizados para serem feitos sobre sexualidade na escola, sendo um deles o discurso biológico. Neste o corpo é concebido como pura anatomia, em que a sexualidade se reduz ao conhecimento das estruturas dos sistemas reprodutores masculinos e femininos, ou seja, a sexualidade está vinculada ao conhecimento anatomo-fisiológico. História, cultura e outros aspectos dos seres humanos não são levados em consideração neste discurso.

Este estudo possui como referencial metodológico a abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta de dados uma entrevista semiestruturada, na qual foi criado um roteiro de 10 questões direcionadoras prévias que possibilitou a readequação das questões conforme as entrevistas prosseguiram. A característica primordial da entrevista semiestruturada é a construção de questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa (MANZINI, 2003). De acordo com Manzini (2003) estes questionamentos possuem possibilidades de novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes.

O roteiro de entrevista foi criado pelos dois estudantes pesquisadores, que seguiu para a professora orientadora, primeira autora deste trabalho, que o analisou e o encaminhou para uma segunda professora da área de filosofia que também o analisou e o revisou, formando-se ciclos de leituras, desta maneira a ferramenta de coleta de dados foi construída colaborativamente e, conseqüentemente, validada. Este formato visou favorecer o detalhamento das informações e o aprofundamento na interpretação de dados. A escolha de entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados justifica-se devido ao objetivo da pesquisa, ou seja, buscar a percepção das pessoas a respeito da homossexualidade, desta maneira, a entrevista não limita as respostas dos participantes, como seria em um questionário, dando mais liberdade de expressão. Além disso, esta ferramenta é propícia a buscar outras respostas que não estão nas falas dos respondentes (não faladas), e sim também, na postura, nos gestos, nas expressões corporais e faciais, tornando um campo mais rico de informações e de percepções.

As entrevistas foram aplicadas pelos estudantes e gravadas, após o esclarecimento acerca de todas as fases da pesquisa e obtenção da aprovação do participante, respeitando os padrões éticos sugeridos por Glesne (2006) e Creswel (2009), no qual garante a confidencialidade, privacidade e proteção da imagem dos participantes do estudo, de modo a impedir a má utilização das informações coletadas em prejuízo dos informantes entrevistados.

Além dos dados coletados através das entrevistas gravadas, buscamos complementar as informações através de registro em caderno de campo, de observações dos pesquisadores em relação às respostas não faladas dos participantes.

A amostra foi composta por 19 (dezenove) pessoas da região metropolitana de Salvador, no qual foi adotada a técnica de amostragem aleatória, destinada a assegurar que as características dos indivíduos apareçam no nosso estudo na mesma proporção que na população geral (BOGDAN; BIKLEN, 1994). As entrevistas foram organizadas de forma que os participantes foram identificados com uma codificação alfanumérica P01, P02, assim por diante.

Para a coleta de dados na sala de aula de Biologia, onde foram apresentados os resultados da pesquisa sobre as percepções da sociedade acerca da Homossexualidade foi realizada observação participante, de três integrantes da pesquisa, a professora da instituição e os estudantes pesquisadores. Além disso, foi utilizado caderno de campo para registro de dados e situações pertinentes. A pesquisa foi realizada em duas salas de aula do terceiro ano do Ensino médio integrado ao técnico da disciplina de Biologia do IFBA/Camaçari, totalizando 50 estudantes. O conteúdo trabalhado no momento em que ocorreu a pesquisa era sistema reprodutor humano.

Os registros da transcrição das entrevistas e dos cadernos de campo foram analisados por meio da ferramenta de análise de dados qualitativos denominada Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007), organizada em três etapas: *unitarização, categorização e metatexto*. A primeira etapa unitarização é o momento em que os textos, denominados de *corpus* (neste caso, referem-se a transcrição das entrevistas e cadernos de campo) são fragmentados destacando seus elementos constituintes, podendo ser chamados de unidades de análise ou unidades de significados. Durante a categorização, busca-se estabelecer relações com as unidades de significado mais próximas, no sentido de classificá-las a partir de categorias. A etapa de metatexto é a fase da elaboração dos textos descritivos, interpretativos e argumentativos, em que se teoriza sobre os

fenômenos investigados com base no referencial teórico adotado pelo pesquisador. Desta forma, ao analisar conjuntamente entrevistas e cadernos de campo, buscou-se uma triangulação das duas fontes de dados.

Assim, por fim, a partir das informações obtidas foram avaliadas e interpretadas as percepções dos entrevistados acerca da homossexualidade, ou seja, a pesquisa com a sociedade. A análise dos registros de caderno de campo e a da transcrição das entrevistas realizada por meio Análise Textual Discursiva possibilitou a sistematização dos resultados nas seguintes categorias elaboradas posteriormente as entrevistas, a transcrição e a interpretação: (1) a visão relacionada à existência de uma causa, em que o indivíduo baseava-se na possibilidade de uma causa para a homossexualidade; (2) visão estereotipada do homossexual, em que havia uma imagem criada para reconhecer um indivíduo homossexual no grupo social e (3) a visão tolerante da homossexualidade, fundamentada de uma aceitação rasa ao homossexual apenas pelo fato da discriminação ao mesmo ser contida devido haver uma amplitude maior das discussões de diversidade sexual e políticas de afirmação para os homossexuais. Inicialmente elaboramos categorias prévias simples como: preconceituoso, não preconceituoso e tolerante. Contudo, as falas e nossas interpretações foram muito mais complexas, surgindo posteriormente as atuais três categorias utilizadas no trabalho que descrevemos com detalhamento nos resultados.

4. Resultados e Discussão

4.1 Pesquisa sobre percepções sociais sobre homossexualidade

Utilizamos nesta pesquisa uma amostra da população da grande metrópole de Salvador, onde obtivemos 19 participantes desta região, que o perfil geral pode ser observado na tabela 1. Todas as informações contidas na tabela 1 foram autodeclaradas pelos participantes, assim, eles indicaram todas as informações. Apesar de terem sido 19 participantes não buscamos analisar cada um individualmente e sim formar um pensamento coletivo, de maneira que utilizamos características que os indivíduos apresentaram para criar indícios sobre a percepção geral da população sobre a homossexualidade.

Para melhor compreensão dos resultados deve-se considerar o preconceito como uma opinião ou pensamento construído sem conhecimento ou reflexão acerca de algo ou alguém, sendo que, tal termo não deve ser ligado exclusivamente a um ato violento, mas sim a uma imagem pré-formada, que inclusive já está enraizada na nossa sociedade. Como conceitua Ferreira (1995) o preconceito é “o conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos”.

Tabela 1: Perfil geral dos entrevistados

Gênero	Religião	Idade	Escolaridade	Cor
Feminino 53%	Católica 42%	De 18 a 30 anos 32%	Ensino Fundamental 11%	Branco 32%
Masculino 47%	Protestante 21%	De 30 a 50 anos 42%	Ensino Médio 68%	Pardo 16%
	Outras 11%	De 50 a 70 anos 26%	Ensino Superior 21%	Negro 52%
	Sem Religião 21%			
	Ateu 5%			

Buscamos ao longo das entrevistas, além das respostas faladas, observar atentamente os indivíduos, de maneira a perceber expressões e manifestações corporais que remetessem à verdadeira opinião dos mesmos. Foi percebido que a maioria dos entrevistados afirmou aceitar a homossexualidade, porém os mesmos possuíam certo desconforto em falar do tema, muitos ficavam nervosos quando observavam do que se tratava a pesquisa em questão e até mesmo mudavam suas expressões.

A organização dos resultados e discussão foram separados a seguir em relação a cada categoria: (1) a visão relacionada à existência de uma causa, em que o indivíduo baseava-se na possibilidade de uma causa para a homossexualidade; (2) visão estereotipada do homossexual, em que havia uma imagem criada para reconhecer um indivíduo homossexual no grupo social e (3) a visão tolerante da homossexualidade, fundamentada de uma aceitação rasa ao homossexual apenas pelo fato da discriminação ao mesmo ser contida devido haver uma amplitude maior das discussões de diversidade sexual e políticas de afirmação para os homossexuais.

A visão relacionada à existência de uma causa, em que o indivíduo baseava-se na possibilidade de uma causa para a homossexualidade

A primeira pergunta do roteiro aplicada na entrevista foi: O que você entende por homossexualidade? A grande maioria dos entrevistados situou-se nesta. Essa pergunta foi elaborada com o intuito de conhecer o que o indivíduo entende por sexualidade e como o mesmo entende a manifestação da mesma. Foi observado que a maioria dos indivíduos não apresentava a retenção de um conceito de homossexualidade como atração pelo mesmo sexo e sim realizava uma ligação direta com uma possível causa da mesma.

Perguntamos aos entrevistados o que eles entendiam por homossexualidade, como respostas poucos responderam que é a atração entre dois indivíduos do mesmo sexo, na verdade suas respostas eram direcionadas a uma causa, como por exemplo, podemos observar na resposta da E1 “a pessoa já nasce assim”, ou então, do E14 “não é uma opção e com o decorrer do tempo ele vai desenvolvendo”. Mas por que eles faziam isso? As respostas remetiam diretamente à concepção já determinada aos longos dos séculos no meio social em que vivemos.

Apesar da existência do movimento gay e das conquistas dos homossexuais no âmbito social ainda há a predominância do ideal de que há uma causa para a homossexualidade, sendo que se existir uma causa é porque de certa forma ainda existe a associação da homossexualidade como algo ruim, uma doença e, conseqüentemente, continua-se a procurar algum fator que explique esse fenômeno, uma prevenção do mesmo, ou até mesmo, uma suposta cura.

Tal raciocínio nos leva à percepção de um provável medo dos indivíduos de ser “contaminado” pela homossexualidade ou então possivelmente vir a se tornar homossexual, ou ainda um medo pelo desconhecido ou pelo próprio tabu que existe. Tal possibilidade foi perceptível devido a muitos gestos de desconforto que os indivíduos apresentavam, como risos por nervosismo, algumas expressões duras e até mesmo gaguejo ou pausa para pensar durante a fala. Assim, essas características eram vistas principalmente nas perguntas menos objetivas da entrevista, como a opinião acerca da adoção de uma criança por um casal gay, ou o que o entrevistado faria se estivesse no lugar de um pai cujo filho se assumisse homossexual. A reação dos indivíduos entrevistados demonstra que por considerarem a heterossexualidade como algo “puramente natural” e “habitual”, pode haver a ponderação de que a vivência ou contato com pessoas homossexuais poderia “contagiar” os heterossexuais ou ainda modificar severamente a identidade sexual do indivíduo. Britzman (1996, p. 79) descreve claramente essa situação quando afirma que “existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer

com que os jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de recrutar jovens inocentes”.

A visão estereotipada do homossexual, em que havia uma imagem criada para reconhecer um indivíduo homossexual no grupo social

Indivíduos que inicialmente pareciam apresentar uma postura mais livre de preconceitos, de forma a demonstrarem-se tolerantes à homossexualidade, em alguns momentos acabavam se contradizendo ou apresentando reações que demonstravam que tinham certo preconceito, mas não um preconceito violento e sim de uma visão pré-formada do homossexual. Este preconceito aparecia em falas que, por exemplo, passavam a imagem de que os indivíduos homossexuais não vão ser bem sucedidos ou que são sempre promíscuos e infiéis. Podemos observar tal posicionamento e preconceito na fala da entrevistada E2:

“Tenho um amigo gay que é graduado, casado, este era “certinho”.

Isso demonstra um estereótipo já formado sobre os homossexuais, como por um indivíduo ser homossexual isso fosse algo anormal, ou seja, que ser “certinho” e graduado tem relação com orientação sexual ou com quem nos relacionamos. O que percebemos na fala desse entrevistado é na verdade a existência de um estereótipo de que o homossexual não pode ser bem sucedido, e isso é bastante disseminado e comum ser escutado em nosso cotidiano. Até mesmo um dos entrevistados (E9) que é homossexual traz a formulação de estereótipo, no qual podemos visualizar em sua fala:

“Eu não sofre muito preconceito na rua por ser mais “educado, menos escandaloso”.

Alguns outros entrevistados, por exemplo, afirmavam que os homossexuais possuíam certo “jeitinho”.

A verdade é que no ambiente cultural em que vivemos há vários tipos de indivíduos, com inúmeras maneiras de agir e personalidades diversificadas independente de sua orientação sexual. O que ocorre na fala dos entrevistados é a criação de uma imagem do homossexual baseada em características distintas destacadas de maneira a degradar e pejorar, por muitas vezes, o indivíduo diante do meio social. Inúmeros homossexuais agem da maneira como qualquer pessoa do seu sexo e gênero, indicando sexo como característica biológica e gênero como identidade social, agiriam.

Não necessariamente uma pessoa que sente atração por outra do mesmo sexo vai querer agir de forma a se identificar como o sexo oposto, e quando isso ocorre há uma distinção entre a identidade de gênero do indivíduo, ou seja, gênero refere-se ao modo como cada um de nós se vê: se como homem (masculino), se como mulher (feminino). Butler (2003) afirma que “o gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos”.

A visão tolerante da homossexualidade, fundamentada de uma aceitação rasa ao homossexual apenas pelo fato da discriminação ao mesmo ser contida devido haver uma amplitude maior das discussões de diversidade sexual e políticas de afirmação para os homossexuais

Dentre as perguntas que mais intimidaram os entrevistados, sem esta ser nossa intenção, foi uma pergunta relacionada à opinião deles sobre a visão do homossexual apresentado pela mídia. A maioria respondeu que a mídia estava mostrando a imagem homossexual de um jeito exacerbado. A entrevistada E18 possui a seguinte opinião sobre o assunto:

“Não gosto da maneira com que a mídia apresenta a homossexualidade, como algo normal e acessível, como se todo mundo pudesse ser um homossexual feliz (...) Uma criança de quatro anos que não tem entendimento ou noção da sua sexualidade pode ser influenciada”.

O entrevistado E9 que se intitulou como homossexual afirmou ainda:

“O público ainda não está preparado pra ver o que é mostrado”.

A mídia é um dos veículos de informações mais utilizados atualmente no momento tecnológico em que vivemos. Ela interage diretamente na formação do indivíduo social em conjunto com a educação escolar e a criação dos pais. Atualmente, de acordo com a Pesquisa Brasileira de Mídia de 2014, realizada pelo IBOPE e encomendada pela Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (BRASIL, 2015) a maioria dos brasileiros tem acesso à mídia, sendo a de maior consumo a televisão (TV). Tanto a TV como a internet são espaços utilizados amplamente pela sociedade, e tem sido veículos que abordam tanto a homossexualidade quanto a homofobia.

O que é possível observar diante desse contexto é que há mais espaço e evidência da pluralidade sexual nestes meios, com o assunto sendo discutido com maior intensidade e sendo mais abordado, principalmente na rede televisiva, em especial, com a utilização de novelas. Por outro lado, ainda vemos que o tradicionalismo constituinte brasileiro impede que haja verdadeira aceitação daquele conteúdo, gerando estereótipos de homossexuais e a manifestações de extrema aversão ao que está sendo apresentado.

O comportamento sexual entre indivíduos de sexo oposto não cria tanta repulsa quanto um beijo entre um casal homossexual, já que na visão moral da sociedade, ao menos a relação entre heterossexuais é algo normal e aceitável com finalidade puramente reprodutiva, enquanto a prática homossexual profana o corpo e a sexualidade do indivíduo, sendo anormal e é indicação de má conduta sexual e social. Tal ideal é diariamente afirmado através de discursos religiosos e moralistas impostos na cultura brasileira. Aparentemente essa situação só aumenta a discriminação e o sofrimento de muito homossexuais.

O perfil dos entrevistados demonstra que a maioria dos indivíduos possui religião baseada nos preceitos judaico-cristãos. Sabendo-se que geralmente questões que vão de encontro aos aspectos sociais e morais construídos criam dificuldades de assimilação e aceitação de determinadas situações ou condições. O contexto de culturas e valores da sociedade brasileira fez com que o conservadorismo formado pela base moral-religiosa afetasse drasticamente na idealização da identidade e do comportamento sexual, permitindo que continue havendo a abominação à manifestação homossexual mesmo com a existência de indivíduos que se demonstram culturalmente liberais.

A partir das entrevistas e principalmente da maneira como o entrevistado se comportava diante do assunto e de cada pergunta realizada, pudemos observar que o que ocorre, na verdade, é a implantação de uma maior tolerância, uma aceitação obrigatória, que surge devido a grande ocorrência de uma inclusão do debate sobre a diversidade e identidade sexual e de gênero no espaço social, cultural e acadêmico. Isso pode ser visto no comportamento de muitos indivíduos, a exemplo de uma das entrevistas que inicialmente usou a palavra “aberração” para falar da homossexualidade, mas ao longo da entrevista falou que iria aceitar se o filho fosse gay, ou melhor, teria de aceitar, pois era seu filho.

Atualmente as reivindicações e conquistas sociais, alcançadas ao longo dos últimos anos, fizeram com que as pessoas tenham o preconceito como um peso social, sendo que para algumas, ser homofóbico hoje em dia é algo alarmante, mas ainda assim tolerável.

Sabe-se então que há um problema diretamente relacionado à formação sociocultural do indivíduo que o impede de lidar e aceitar a diversidade sexual emergente na sociedade atual. Assim, é necessário intervir diretamente na formação, compreensão e expressão do indivíduo no mundo, de maneira que a homossexualidade não venha mais a ser vista como algo prejudicial. As principais fases de formação da identidade do indivíduo estão na sua infância e na juventude, pois é nesse período que ocorre a construção da personalidade. A criança aprende como agir de acordo com a nossa cultura, ou seja, como se portar diante do grupo social, enquanto no período da adolescência o jovem aprende mais sobre a sua identificação no grupo cultural e em um grupo mais específico, o qual o indivíduo costuma a conciliar com a sua personalidade. Pagamunici (2008, p.132) afirma que “a criança se percebe como um objeto do mundo. Ao entrar em contato com a alteridade deste, percebe-se como um objeto que também produz saber, ou seja, percebe-se como um sujeito no mundo capaz de modificá-lo a partir de seu saber. De objeto do mundo, ela passa para constituinte do mundo e das ações que lhe rodeiam”.

Assim, de acordo com Junqueira (2009),

[...] a escola é um espaço no interior do qual e a partir do qual podem ser construídos novos padrões de aprendizado, convivência, produção e transmissão de conhecimento, sobretudo se forem ali subvertidos ou abalados valores, crenças, representações e práticas associadas a preconceitos, discriminações e violência de ordem racista, sexista, misógina e homofóbica (p.36).

A abordagem de assuntos diversos na sala de aula é essencial para rompermos com o preconceito instalado atualmente, e um destes assuntos é a discussão sobre a homossexualidade.

A escola passa a ser um espaço em que se é necessário auxiliar ao indivíduo a quebrar os dogmas culturais, de maneira que tanto educadores como educandos percamos a dificuldade de falar e conviver com a diversidade sexual. Desta forma, isso serve para que o processo de formação de identidades do indivíduo possa possuir bases além das heteronormativas presentes na atual sociedade, que esta se torne multicultural e diversificada, podendo ser compreendida como uma fonte de vitalidade e de ação política (LOURO, 2002).

A partir disso, os resultados desta pesquisa foram utilizados como estratégia didática no Ensino de Biologia. A descrição dos resultados dessa intervenção é feita com maiores detalhes na seção a seguir.

4.2 Percepções sociais sobre homossexualidade como estratégia didática no ensino de Biologia

Os resultados obtidos na pesquisa sobre percepções sociais acerca da homossexualidade foram apresentados na sala de aula de Biologia, de duas turmas de terceiro ano do IFBA/Camaçari, durante o conteúdo de sistema reprodutor, no mesmo ano de realização da pesquisa, a fim de inserir e introduzir tal discussão em sala de aula.

É importante que os docentes de Biologia busquem comparações e melhores formas de trazer a homossexualidade para a sala de aula, apresentando não apenas conceitos biológicos, mas também a importância da aceitação e compreensão do que vem a ser a homossexualidade, de forma que rompa com os preconceitos presentes dentre os estudantes. Os conteúdos de Biologia, além dos aspectos científicos, possuem um caráter social, cultural e ético que estão entranhados e inter-relacionados (GUIMARÃES et al., 2013).

O importante também é que estes assuntos devem ser sempre discutidos sob uma perspectiva do multiculturalismo crítico. Segundo McLaren (1997), a perspectiva crítica, no contexto escolar, coloca em xeque os estereótipos e preconceitos, problematizando-os, promovendo um diálogo construtivo entre as culturas.

De acordo com Silva *et al.* (2012), o ambiente escolar torna-se um dos principais locais de formação de estereótipos, onde o homossexual é tido como má influência para as pessoas ao seu redor. Além disso, há o grande desafio para ministrar o assunto que trata de sexualidade, já que, alguns professores entendem por sexualidade a relação entre o homem e a mulher, tornando isso uma norma social e uma condição necessária pra procriação (SANTOS; SANTIAGO, 2008).

Desta forma, e a partir das discussões do multiculturalismo crítico, pareceu-nos interessante trazer esta pesquisa, realizada na região que está localizada a instituição de ensino destes estudantes e realizada por estudantes pesquisadores desta, para iniciar uma discussão a respeito da homossexualidade, entender como os estudantes visualizam e concebem-na e observar como agiriam diante das conclusões e interpretações dos resultados da pesquisa. O nosso intuito foi trazer a pesquisa para abordar, dentro do conteúdo de sistema reprodutor, uma discussão sobre homossexualidade, mas que esta discussão pudesse ser trazida de uma maneira diferenciada e menos evasiva, já que não é assunto comum abordado nas escolas de educação básica, nem mesmo nas aulas de Biologia. Algo não pode deixar de ser tabu e considerável aceitável pelos indivíduos se não é discutido ou comentado. Desta forma, se a homossexualidade não é abordada nas aulas de Biologia, como naturalmente é a heterossexualidade, como a torna-la aceitável pelos estudantes. Para diminuir o preconceito e aumentar a aceitação devemos tornar o assunto “Homossexualidade” comum nas aulas de Biologia, discutir com os estudantes, e deixar tais indivíduos possuir falas a respeito do assunto, sem pudores, negações e intimidações.

A pesquisa realizada com a população foi apresentada, nas duas turmas pelos estudantes pesquisadores, através de apresentação oral com auxílio de multimídia. Os estudantes pesquisadores mostraram tanto o desenvolvimento da pesquisa, ou seja, introdução, como foi aplicada e os objetivos, como também apresentaram os resultados e fizeram uma ampla discussão, tentando incentivar os estudantes que assistiam a participar e trazer contribuições, interpretações e opiniões.

Como resultado obtivemos certo silenciamento dos estudantes a respeito do tema, a grande maioria não discutiu, não perguntou e alguns até demonstraram-se bastante desinteressados com a apresentação dos estudantes-pesquisadores, autores deste artigo. Não foi possível analisar falas dos estudantes e discussões, pois não houve uma interação esperada durante nem após a apresentação do trabalho. Certamente, o silêncio instalado na sala de aula é, sem dúvida, um resultado, e este bastante interessante e possível de interpretações plausíveis e até mesmo comum a respeito de tal tema.

Em um trabalho realizado pela UNESCO (2001) sobre violência, drogas e Aids, com estudantes da educação básica, teve como um dos questionamentos, quais pessoas não gostariam de ter como colega de classe, como resposta aproximadamente 25% dos estudantes indicaram indivíduos homossexuais. Ressalta-se, ainda, que os jovens do sexo masculino, em qualquer capital analisada, repulsam com maior intensidade a homossexualidade (ABRAMOVAY, 2002).

Como ressalta Louro (1997, p. 29) a homofobia e o medo voltado contra os homossexuais, pode-se expressar ainda numa espécie de “terror em relação à perda do gênero”, ou seja, no terror de não ser mais considerado como um homem ou uma mulher “reais” ou “autênticos”.

Desta maneira, os resultados encontrados nas duas turmas do IFBA/Camaçari, pode demonstrar de certa maneira um medo do preconceito, por alguma fala ou defesa da homossexualidade, ou o próprio preconceito em alguns indivíduos, que não se sentiram confortáveis de concordar com a população pesquisa, por um medo de uma possível represaria ou confronto. Ou ainda, podemos interpretar tais resultados com uma terceira possibilidade, que seria o novo, o estranhamento e o tabu ainda recorrente sobre tal temática. Desta forma, os estudantes não sentiram liberdade para discussões em sala de aula.

Contudo, esta prática será continuada nas aulas de Biologia desta professora, e as discussões e o tempo destinado a tal assunto será ampliado, pois a mesma concebe e acredita na importância da abordagem deste assunto em sala de aula para diminuir o preconceito e aumentar o respeito com os homossexuais. Trazer a homossexualidade em sala de aula como uma normalidade como é feito com a heterossexualidade deve ser um caminho a ser seguindo pelos professores de Biologia, certamente o caminho ainda é longo, mas discussões devem ser planejadas, introduzidas e incentivadas.

5. Considerações finais

A presente pesquisa colocou em evidência que a homossexualidade ainda se configura como um tema tabu, nos tempos atuais, e que os indivíduos homossexuais ainda sofrem com a expressão de muito preconceito. Assim, coloca-se a necessidade de que a discussão deva ser aprofundada nos mais diferentes locais, para deixar de ser um tema evitado por parte da sociedade. Contribuindo, desta forma, para que os preconceitos sejam desfeitos. Além disso, destaca-se que as discussões que já ocorrem em alguns espaços, como nas mídias, devam ser abordadas com maior profundidade, evidenciando maior pluralidade de opiniões.

A presente pesquisa ratificou, ainda, que um importante espaço para tratar deste assunto é o ambiente escolar. E que o mesmo tem grande potencial de ser tratado nas salas de aulas de Biologia. As dificuldades encontradas pelos estudantes em participar dos debates, no decorrer deste estudo, evidenciam ainda mais a relevância de se colocar em prática, aulas abordando temas ligados à sexualidade. Educadoras e educadores devem estar comprometidos com a formação discente, tendo em vista a construção de uma sociedade mais justa e igualitária para todas e todos.

Uma continuidade deste estudo já está em planejamento a partir de um projeto de pesquisa em desenvolvimento que possui como objetivo a construção, aplicação e análise de uma sequência didática que foque a diversidade sexual no conteúdo de sistema reprodutor em aulas de biologia do ensino médio.

6. Referências

- ABRAMOVAY, M. (Org.). (2002). *Escola e violência*. Brasília: UNESCO, UCB, Observatório de Violências nas Escolas.
- BARBIERI, T. de. (1993). *Sobre a categoria gênero: uma introdução metodológica*. Trad. Antonia Lewinsky. Recife: SOS corpo.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. (1994). *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Editora Porto.
- BORRILLO, D. (2010). *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. (2015). Secretaria de Comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira* – Brasília: Secom.
- BRITZMAN, D. (1996). O que é esta coisa chamada amor – identidade homossexual, educação e currículo. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan./jun.
- BUTLER, J. (2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

CANAU, V. M. (2008). Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56. Acesso em 15 jul., 2015, <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>.

CANAU, V. M. (2002). Sociedade, cotidiano escolar e cultura(s): uma aproximação. *Revista Educação e Sociedade*, n. 79.

CANEN, A. (1997). Competência pedagógica e pluralidade cultural: eixo na formação de professores? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 102, p. 89. 107. Acesso em 15 jul., 2015, http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S010015741997000300005&lng=en&nr m=iso&tlng=pt.

CANEN, A.; MOREIRA, A. F. B. (2001). *Reflexões sobre o multiculturalismo na escola e na formação docente*. In: Ênfases e omissões no currículo. São Paulo: Papirus, p. 15-43.

CANEN, A.; OLIVEIRA, A. M. (2002). A. Multiculturalismo e currículo em ação: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 21, p. 61-74. 2002. Acesso em 15 jul., 2015, <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n21/n21a05.pdf>.

CRESWELL, J. W. (2009). *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. Los Angeles: Sabe.

DAVI, E. H. D. (2005). Intolerância e homossexualidade: as marcas da homofobia na Cultura Ocidental. *Caderno Espaço Feminino*, v.13, n.16, Jan./Jun.

DINIS, N. F. (2011). Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. Editora UFPR*.

DOVER, K. (1994). *A Homossexualidade na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria.

FERRARI, A. (2004). Revisando o passado e construindo o presente: o movimento gay como espaço educativo. Universidade Federal de Juiz de Fora, Colégio de Aplicação João XIII. *Revista Brasileira de Educação*.

FERREIRA, A. B. DE H. (1995). *Novo dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Fronteira.

FIGUEIREDO, P. S. (2013). A dinâmica discursiva nas salas de aula de ciências: contribuições teóricas e metodológicas para análise da prática de ensino sob a perspectiva do multiculturalismo na educação científica. 2013. 150 f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) – Universidade Federal da Bahia, Salvador.

GLESNE, C. (2006). *Becoming qualitative researchers: an introduction*. Boston: Peason, p. 31-183.

GUIMARÃES, A., MARTINS, C., FIGUEIREDO, P., ALMEIDA, R. (2013). Multiculturalismo no ensino de biologia na visão de estudantes de uma escola particular do município de dias d'Ávila. *Indagatio Didactica*, Portugal, 5, oct. Acesso em 14 Mai., 2015, <http://revistas.ua.pt/index.php/ID/article/view/2488/2356>.

JUNQUEIRA, R. D. (2009). *Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad/MEC), p. 458.

LOURO, G. L. (2002). *Gênero e Sexualidade: Histórias de Exclusão*. À Margem dos 500 Anos: Reflexões Irrelevantes. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

- LOURO, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda.
- LOURO, G. L. (2004). *Um corpo estranho articulações sobre a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MANZINI, E. J. (2003). *Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semi-estruturada*. In: MARQUEZINE, M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE, S. (Orgs.) Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial. Londrina: eduel, p. 11-25.
- MCLAREN, P. (1997). *Multiculturalismo crítico*. São Paulo.
- MCLAREN, P. (2000). *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artmed.
- MORAES, R. GALIAZZI; M. C. (2007). *Análise Textual Discursiva*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- PAGAMUNICI, A. (2008). *Psicologia e educação: Dialogando com o diferente: a convivência e a pluralidade cultural*. In: PLONER, K. S., et al., org. *Ética e paradigmas na psicologia social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 126-139.
- RIBEIRO, P. R. C. (2002). *Inscrevendo a sexualidade: Discursos e práticas de professoras das séries iniciais do ensino fundamental*. Tese de doutorado – Programa de Pós-graduação em Ciências biológicas: Bioquímica, Instituto de Ciências básicas da saúde. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Acesso em 26 de jul., 2015, <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1855>.
- SANTOS, E. R. F. dos, SANTIAGO, I. M. F. L. *Sexualidade na Escola: Do Entendimento dos/as Professores/as à Prática em Sala de Aula*. *Revista Ártemis*, vol. 8, pg. 41-56, 2008.
- SILVA, A. P. C., MENDES J. A. de L., MARTINS, R. A., JÚNIOR, J. G. T. (2012). *Reflexões sobre a homossexualidade na escola*. III Encontro Mineiro Sobre Investigação na Escola.
- TORRÃO-FILHO, A. (2000). *Tríbadês Galantes, Fanchonos Militantes: homossexuais que fizeram a história*. São Paulo: GLS.